

MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA

Universidade Federal de Minas Gerais

## Sobre os Reflexos Sociais da Mudança em Progresso

**ABSTRACT:** This paper is a discussion of the social reflexes of linguistic change in progress. In particular, it deals with the general validity of the evidence provided by the curvilinear pattern of social distribution, age differences, and the rôle of the women for the detection of linguistic change in progress. It is argued here that: a) lack of curvilinear pattern is not an indication of lack of change in progress; b) the rôle of the women in linguistic change depends on their rôle in society, and c) new changes can be originated in the lowest stratum in society.

# 1. INTRODUÇÃO

Durante mais de quinze anos de estudos sobre a linguagem no contexto social, uma série de resultados interessantes puderam ser conseguidos. Hoje em dia sabemos muito mais sobre a linguagem do que antes. Através destes estudos pudemos avançar nosso conhecimento em várias direções. Por exemplo, foi possível lançar alguma luz sobre questões fundamentais, como a do condicionamento estrutural das mudanças lingüísticas. Foi possível também conhecermos um pouco mais sobre a correlação entre variação lingüística e variação social. É deste segundo aspecto que pretendo tratar neste artigo.

Nos vários estudos realizados, em várias comunidades diferentes, alguns padrões sociais da variação lingüística acabaram por se repetir. Estas repetições se manifestaram basicamente em três aspectos: classe social, faixa etária e sexo.

Com relação a classe social encontramos dois padrões. Nos casos onde a variação lingüística representa também uma mudança em progresso, encontramos o chamado 'padrão curvilíneo'. Neste padrão a inovação ocorre com mais freqüência nos grupos centrais da escala social, e não nos grupos periféricos. O padrão curvilíneo apresenta uma distribuição nos moldes da Figura 1.

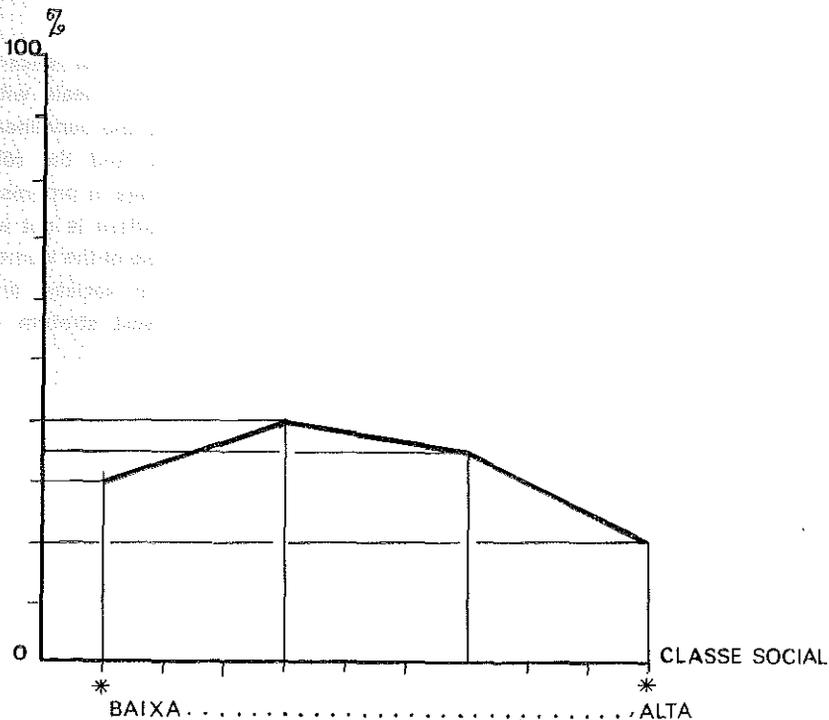


FIGURA 1

FIGURA 1: Padrão Curvilíneo

Já no caso das variáveis estáveis (aquelas que não implicam em mudança em progresso), uma variante não-prestigiosa tem suas maiores freqüências de ocorrência nas classes mais baixas, decrescendo nas classes mais altas, numa distribuição nos moldes da Figura 2.

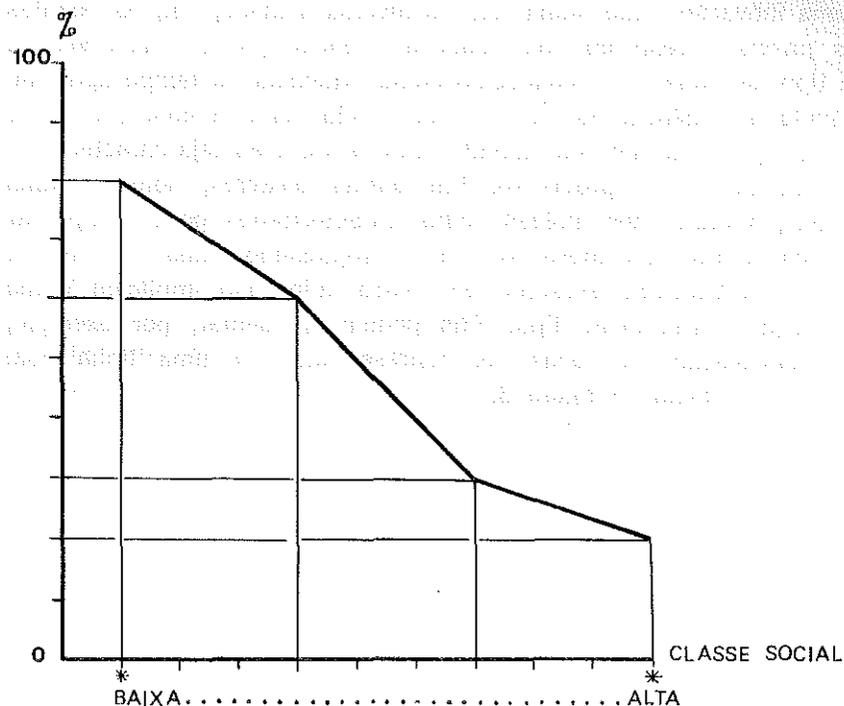


FIGURA 2

FIGURA 2: Padrão distribucional de variável estável

Ambos os padrões foram encontrados em vários estudos como, por exemplo:

a — **Padrão Curvilíneo: Mudança em Progresso**

(ch) — Cedergren, 1973.

(oh) — Labov, 1966.

(e) — Trudgill, 1971.

b — **Padrão de Variável Estável**

(th) — Labov, 1972.

(s) — Cedergren, 1973.

(r) — Cedergren, 1973.

(ing) — Labov, 1972.

(ing) — Trudgill, 1971.

A partir daí os casos de mudança em progresso — que são determinados por outros meios, como veremos — passaram a ter uma excelente indicação adicional para sua detecção: havendo padrão curvilíneo, temos mudança em progresso.

Com relação a faixa etária podemos observar o seguinte: nos casos de mudança em progresso as freqüências mais altas de realizações de uma inovação estão numa relação inversa a idade, i.e., os falantes mais jovens a realizam com mais freqüência que os mais velhos. Este tipo de evidência é conhecido como evidência do tempo aparente e, aliado à evidência do tempo real, é tido como a condição «sine qua non» para que um determinado caso de variação seja caracterizado como mudança em progresso. Em outras palavras, somente uma distribuição etária nos moldes acima caracterizados pode comprovar que uma determinada inovação está se propagando numa comunidade de fala. As variáveis estáveis, por outro lado, não implicam numa distribuição etária deste tipo. Elas podem apresentar, por exemplo, uma distribuição que pode ser representada por uma linha com vários picos, como na figura 3.

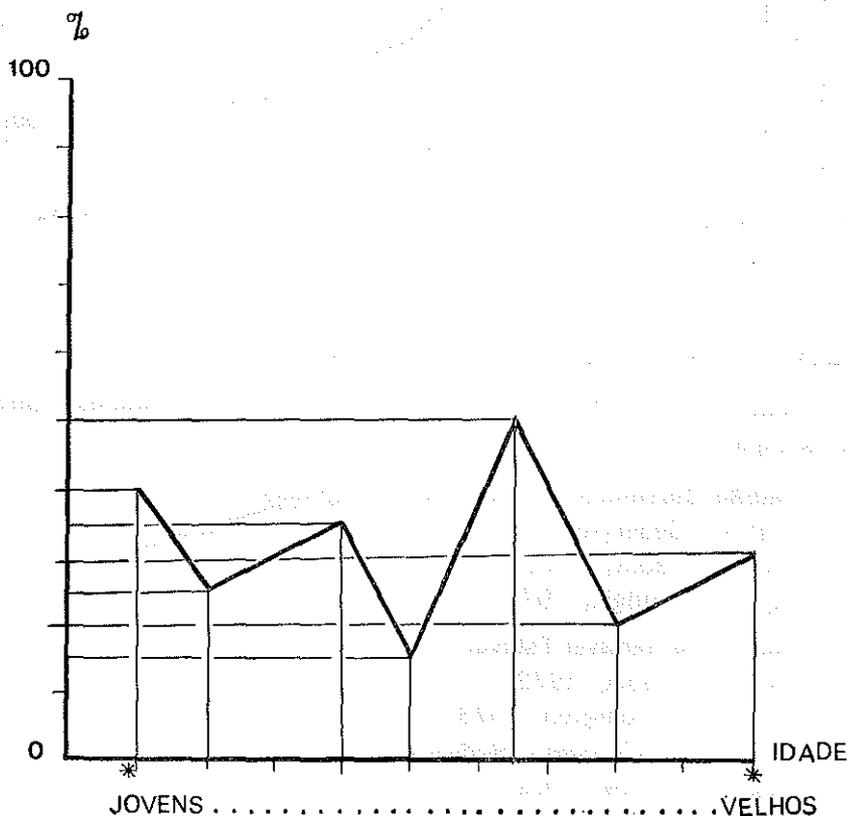


FIGURA 3

o que indicaria que não há nenhuma relação entre faixa etária e a variável em questão.

Com relação a sexo é necessário distinguir-se dois aspectos. Em primeiro lugar, as mulheres parecem ser mais sensíveis do que os homens no que se refere a formas de prestígio. E isso parece ser uma tendência universal. O fato é que as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens, no estilo de fala cuidada, sendo mais alertas ao padrão de prestígio. Esta tendência recebe confirmação de uma série de estudos independentes como, por exemplo, Fisher (1958), Levine & Crockett (1966), Anshen (1969), Trudgill (1971), entre outros. Contudo, há um segundo aspecto, que é o das mudanças em progresso. Netes casos o comportamento das mulheres não tem sido o mesmo. No estudo de algumas variáveis lingüísticas em Charmey, Suíça, realizado por Gauchat (1905), encontramos as mulheres liderando todos os casos de mudança em progresso. O mesmo resultado aparece no estudo de Labov (1966), em Nova Iorque, para as variáveis (eh) e (oh), e em Shuy, Wo fram & Riley (1967), para Detroit, para as variáveis (ae) e (a). No entanto, nem sempre as mulheres lideram as mudanças em progresso. Em casos como o da centralização de (ay) e (aw) na ilha de Martha's Vineyard (Cf. Labov, 1972: 42), são os homens que lideram o processo. O mesmo acontece no estudo de Trudgill (1971). Em função disso Labov (1972: 303) conclui que:

The correct generalization then is not that women lead in linguistic change, but rather that the sexual differentiation of speech often plays a major role in the mechanism of linguistic evolution. (...) We are dealing with some positive factor here, operating upon a subtle set of conventional social values. (...) The sexual differentiation of speakers is... an expressive posture which is socially more appropriate for one sex or the other.

Mesmo assim há uma tendência a se associar o sexo feminino a mudanças em progresso. Num trabalho recente Labov (1980: 260), discorrendo sobre o alçamento e a anteriorização de (ay<sup>o</sup>), que é um caso de mudança em progresso, escreve:

It is worth noting that this is also the only change (em Filadélfia) where men are in the lead. For most of the linguistic changes

that have been traced so far, we find that women are about one generation ahead of men — at least in the early stages of the process. This is true in Philadelphia as well, except in the case of (ay<sup>ə</sup>). There may be a connection between the normal curvilinear class pattern and the dominance of women in the advancement of sound change, but this direction of inquiry would carry us beyond the scope of the present report.

Em minha opinião a abordagem encontrada em Labov (1972) é mais judiciosa que a encontrada em Labov (1980). Ela reconhece o fato de que o comportamento das mulheres nestes casos não é sempre o mesmo, e evita qualquer generalização apressada. Além disso ela sugere alguns caminhos para se explicar este fato. É exatamente nesta direção que pretendo abordar a questão da relação entre sexo e mudança lingüística.

## 2. UM CASO DE MUDANÇA EM PROGRESSO EM PORTUGUÊS: (r)

Num trabalho anterior (Oliveira, 1981) procurei mostrar que é necessário fazer-se uma distinção entre (r) final em formas verbais e outros casos de (r) ((r) final em nominais e (r) interno) no que se refere à sua realização como Ø (i.e., r's não realizados foneticamente). Em resumo, procurei mostrar que realizações como **cantô** por **cantor**, **elevadô** por **elevador** e **mofologia** por **morfologia** são resultantes de uma mesma regra de cancelamento, representada aqui, em suas linhas gerais, por (1).

$$(1) \quad (r) \rightarrow \langle \emptyset \rangle / \text{—————} \left\{ \begin{array}{c} \# \# \\ C \end{array} \right\}$$

enquanto que realizações como **vendê** por **vender**, **cantá** por **cantar** e **qué** por **quer** não são resultantes de uma regra de cancelamento. A evidência para esta separação foi dada em termos estruturais e estilísticos. As questões a que me proponho agora são:

- 1ª — A regra variável (1) representa ou não mudança em progresso?
- 2ª — Qual o comportamento desta regra, no português de Belo Horizonte, em termos de classe social, sexo e faixa etária?

As freqüências de cancelamento do (r), em termos de idade, sexo e classe social podem ser vistas na Tabela 1, para o (r) final em nominais, e na Tabela 2, para o (r) interno. Os resultados probabilísticos para os dois casos podem ser vistos na Tabela 3.

TABELA 1

Cancelamento de (r) em posição final de palavra em nominais.  
Fatores externos.

	FATORES	Nº APLIC.	Nº TOKENS	% APLIC.
<b>Idade</b>	— 20	210	531	38
	21 — 30	181	565	32
	31 — 40	67	276	24
	41 —	95	255	37
<b>Sexo</b>	Masculino	368	907	40
	Feminino	185	720	25
<b>Classe</b>	Baixa	133	309	43
	Trabalhadora	227	552	41
	Média Baixa	129	458	28
	Média Alta	64	308	20
		<u>553</u>	<u>1.627</u>	

TABELA 2

Cancelamento de (r) em posição interna.  
Fatores externos.

	FATORES	Nº APLIC.	Nº TOKENS	% APLIC.
<b>Idade</b>	— 20	161	1459	11
	21 — 30	254	2218	11
	31 — 40	88	1014	8
	41 —	143	713	20
<b>Sexo</b>	Masculino	473	3168	14
	Feminino	173	2236	7
<b>Classe</b>	Baixa	141	812	17
	Trabalhadora	249	1742	14
	Média Baixa	148	1467	10
	Média Alta	109	1383	7
		<u>646</u>	<u>5404</u>	

TABELA 3

Resultados probabilísticos para os fatores das Tabelas 1 e 2.

	FATORES	P (r) INTERNO	P (r) FINAL
Idade	— 20	. 46	. 60
	21 — 30	. 50	. 53
	31 — 40	. 43	. 42
	41 —	. 60	. 46
Sexo	Masculino	. 58	. 55
	Feminino	. 42	. 45
Classe	Baixa	. 56	. 65
	Trabalhadora	. 51	. 55
	Média Baixa	. 51	. 46
	Média Alta	. 42	. 35

Trata-se de um caso de mudança em progresso ou não? Para responder-mos a esta pergunta teremos que examinar as evidências dos tempos real e aparente. Um exame da literatura sobre o problema (Cf. Oliveira, 1981) nos fornece as seguintes informações no que se refere ao tempo real:

a) Nas primeiras décadas do século XIX já havia alguma indicação de cancelamento de (r) em posição final dos nominais.

b) Nos meados do século XIX o cancelamento de (r) final em nominais já era um processo bastante saliente, fato este que é confirmado em alguns trabalhos do início do século XX.

c) Somente em trabalhos do final da década de 30 e início da década de 40, no século XX, é que encontramos indícios de cancelamento de (r) em posição interna (Vide também Votre, 1979).

Assim sendo, pode-se dizer que a regra de cancelamento se propagou de uma posição final para uma posição interna, onde ela é apenas incipiente. Considere-se agora a Tabela 3. No caso de cancelamento de (r) final em nominais temos também a evidência do tempo aparente para se falar de mudança em progresso: os informantes mais jovens, com menos de 30 anos de idade favorecem o cancelamento, enquanto que os mais velhos o desfavorecem. Por outro lado,

no caso do cancelamento do (r) interno não temos a evidência do tempo aparente para falarmos de mudança em progresso. Neste caso a probabilidade mais alta de cancelamento não está associada aos informantes mais jovens, e sim aos mais velhos (41 anos ou mais). Note-se também que em nenhum dos dois casos de cancelamento, final ou interno, encontramos o padrão curvilíneo no que se refere às classes sociais. O que encontramos é o padrão usualmente associado às variáveis estáveis, com as probabilidades mais altas de aplicação de regra associadas aos grupos sociais mais baixos, e vice-versa. Seriam estes resultados uma evidência contrária à caracterização do cancelamento de (r) como um caso de mudança em progresso? Penso que não. Considere-se, por exemplo, o trabalho de Labov (1972: 42-69) sobre a variável (r) em Nova Iorque. Em Nova Iorque há uma variação entre (r)'s não realizados foneticamente, ou (r-Ø), e (r)'s realizados foneticamente, ou (r-1). Numa comunidade que era caracteristicamente 'r-less', como Nova Iorque, (r-1) se constitui numa inovação. O trabalho de Labov mostra que na fala casual somente os falantes da classe média alta apresentam uma proporção substancial de (r-1). Mas seu trabalho mostra também que a grande maioria de (r-1)'s nesta classe social é fornecida pelos informantes mais jovens, com menos de 40 anos de idade. Os falantes mais velhos (+ de 40 anos), de qualquer classe, apresentam um comportamento bastante semelhante. A situação é basicamente a mesma na fala cuidada, muito embora haja aqui um aumento significativo de freqüências de (r-1) entre informantes entre 40 e 49 anos de idade, especialmente nos dois grupos mais altos da escala social. Em outras palavras, no trabalho de Labov, somente na classe média alta é que se pode encontrar evidência segura, em termos de tempo aparente, para se falar de mudança em progresso. O caso da variável (r) em Belo Horizonte é bastante semelhante ao caso da variável (r) em Nova Iorque. Considerem-se as Figuras 4 e 5.

Na Figura 4, para o cancelamento do (r) em posição final em nominais, pode-se ver que além do fato de os informantes com menos de 30 anos favorecerem mais o cancelamento do que aqueles com mais de 30 anos, eles apresentam também uma estratificação social bastante acentuada. Por outro lado, as diferenças de classe entre os informantes com mais de 30 anos, com exceção daqueles da classe baixa, são muito pequenas. Na Figura 5 encontramos, novamente, a mesma estratificação social entre os informantes mais jovens, e a mesma

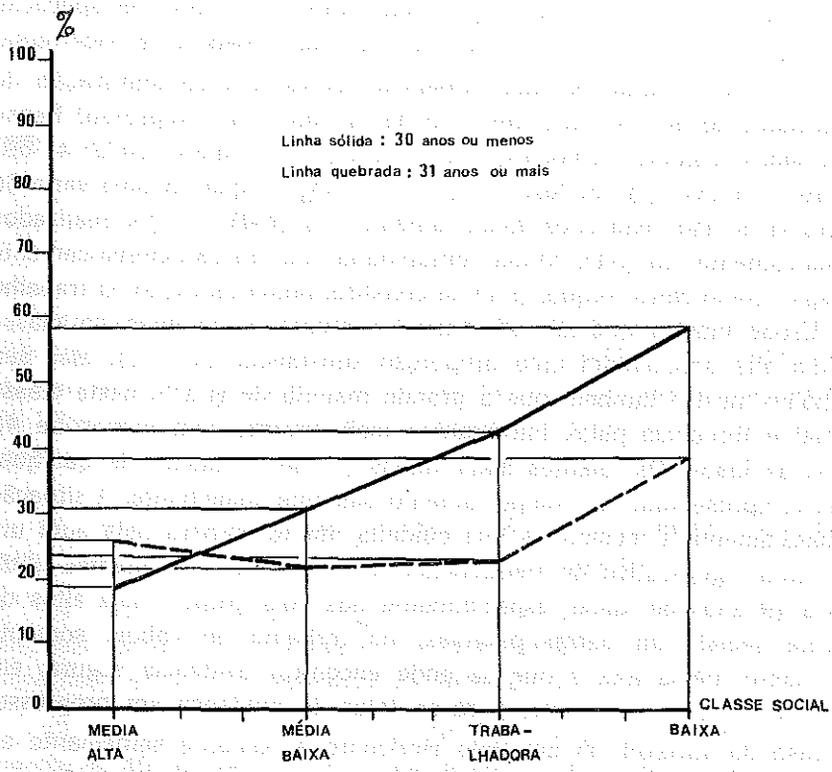


FIGURA 4

Média Alta      Média Baixa      Trabalhadora      Baixa: Classe social

FIGURA 4: Cancelamento de (r) final em nominais por idade e classe social.

Linha sólida: 30 anos ou menos.  
 Linha quebrada: 31 anos ou mais.

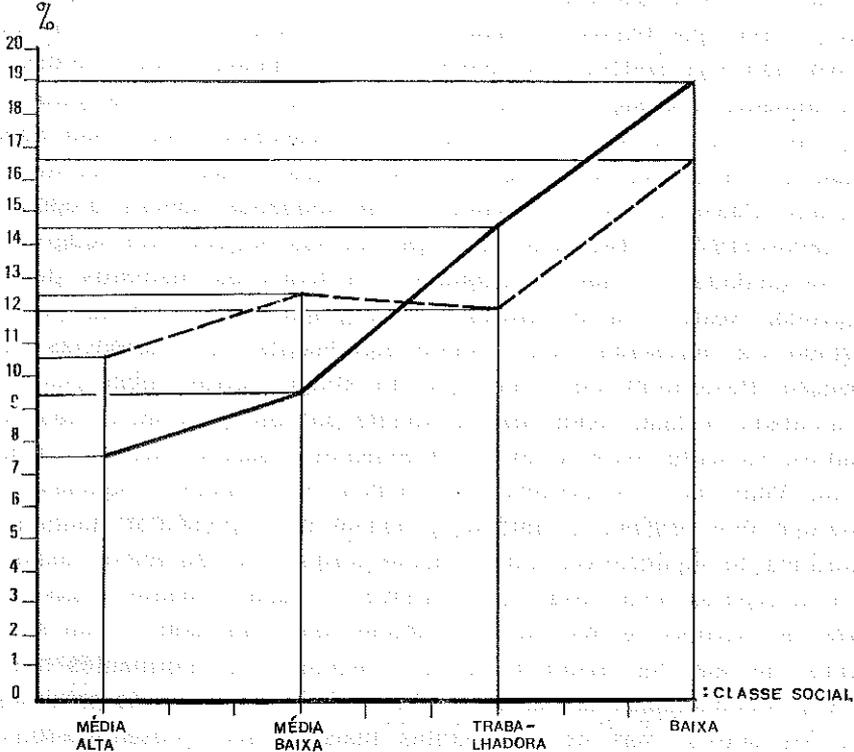


FIGURA 5

Média Alta      Média Baixa      Trabalhadora      Baixa: Classe Social

FIGURA 5: Cancelamento de (r) em posição interna por idade e classe social.

aproximação de freqüências entre os informantes mais velhos (excetuando-se novamente aqueles da classe baixa). Ou seja, como no caso de Nova Iorque, somente os informantes mais jovens apresentam uma estratificação social acentuada. Eu proporia então que, em vez de se considerar apenas a evidência do tempo aparente, consideremos também a estratificação social entre os informantes mais jovens como fator decisivo para se caracterizar um fenômeno lingüístico variável como um caso de mudança em progresso. A razão para isto é a seguinte: vamos supor que temos em mãos um caso para o qual, por algum motivo, não haja evidência de tempo real para mudança em progresso, mas somente diferenças etárias. Evidentemente isto não nos garante que tenhamos um caso de mudança em progresso. Mas caso seja mudança em progresso podemos esperar que certas características ocorram. Consideremos o mecanismo da mudança sonora proposto por Labov (1972: 178-80): a mudança tem sua origem num subgrupo da comunidade de fala, espalhando-se a todos os membros deste subgrupo. Neste estágio somente o subgrupo onde a mudança se originou irá apresentar um número significativo de ocorrências da inovação. Posteriormente a inovação irá atingir outros subgrupos da comunidade de fala, sendo levada adiante por gerações sucessivas de falantes. Somente neste ponto é que podemos observar a estratificação social. Além disso os falantes mais velhos, excetuando-se aqueles do subgrupo que originou a mudança, podem não apresentar nenhuma estratificação significativa, simplesmente porque já estão velhos demais para incorporar uma nova regra variável — que somente agora faz parte das normas de fala da comunidade como um todo — em seus hábitos de fala. Na Figura 4 temos o seguinte: os informantes mais velhos, exceto aqueles da classe social mais baixa, estão muito próximos uns dos outros, mas os informantes mais jovens apresentam uma estratificação social acentuada. Isto quer dizer que, exceto pelo grupo mais alto, os informantes mais jovens levaram a mudança adiante, além do modelo estabelecido por seus pais. Na Figura 5, onde encontramos as freqüências para o aspecto mais recente do cancelamento de (r), a situação é muito parecida com a da Figura 4, a não ser pelo fato de os informantes mais jovens das duas classes mais altas estarem aquém dos informantes mais velhos. Assim sendo, a aproximação das freqüências para os informantes mais velhos em ambas as figuras indica que houve um ponto no qual o cancelamento de (r) não era socialmente estratificado na comunidade de fala de Belo Horizonte.

Além disso, o comportamento diferencial, em ambas as figuras, dos informantes da classe baixa não é um problema, e sim uma evidência forte para se mostrar que o subgrupo que adotou o cancelamento de (r) como um indicador, que depois se propagou para outros grupos sociais, foi o grupo social mais baixo. Ou seja, as Figuras 4 e 5 sustentam a idéia de que as mudanças podem se originar nos grupos mais baixos da sociedade, i.e., a falta de um padrão curvilíneo, quando todos os informantes são considerados conjuntamente, não indica ausência de mudança em progresso. Voltarei a este ponto na seção 2.

Resta-nos examinar ainda a seguinte questão: se o cancelamento de (r) é um caso de mudança em progresso, qual é o comportamento dos homens e das mulheres em relação a este processo? Estariam as mulheres liderando mais este caso de mudança? Homens e mulheres de classes sociais diferentes têm o mesmo comportamento? Consideremos, em primeiro lugar, o cancelamento do (r) interno. De um total de 5.404 casos de (r) interno, 646 foram cancelados (Cf. Tabela 2). Na Tabela 4 estão combinados **sexo** e **classe social** para o (r) interno.

TABELA 4

Cancelamento do (r) em posição interna por sexo e classe social.

CLASSE SEXO	BAIXA	TRABALHADORA	M. BAIXA	M. ALTA
	Masculino	109/630 17.3%	224/1364 16.4%	83/428 19.4%
Feminino	32/182 17.6%	25/378 6.6%	64/1039 6.1%	52/637 8.1%

Na tabela 4 podemos observar um grande distanciamento entre as freqüências de cancelamento de (r) de homens e mulheres nas classes trabalhadora e média baixa. Considere-se agora a Tabela 5, para o cancelamento de (r) final em nominais.

TABELA 5

Cancelamento de (r) em posição final em nominais por  
sexo e classe social

CLASSE SEXO	BAIXA	TRABALHADORA	M. BAIXA	M. ALTA
	Masculino	89/197 45.1%	165/405 40.7%	81/167 48.5%
Feminino	44/112 39.3%	62/147 42.1%	48/291 16.5%	31/170 18.2%

Na Tabela 5 temos, novamente, o mesmo distanciamento de freqüências entre homens e mulheres da classe média baixa. Para testar a significância das diferenças entre homens e mulheres nas duas Tabelas (4 e 5), apliquei um teste Qui-quadrado em todos os pares. E somente em três pontos as diferenças são significantes:

Tabela 4: Classe Trabalhadora —  $\chi^2 = 28.72$ , nível .001, 1gl

Tabela 4: Classe Média Baixa —  $\chi^2 = 50.55$ , nível .001, 1gl

Tabela 5: Classe Média Baixa —  $\chi^2 = 57.40$ , nível .001, 1gl

Como interpretar estas duas Tabelas? Em primeiro lugar, parece claro que os homens estão liderando o cancelamento de (r), e não as mulheres.<sup>1</sup> Além disso as Tabelas 4 e 5 sugerem também que o cancelamento de (r) se originou nos grupos mais baixos. Considere-se, em primeiro lugar, a Tabela 5. Nesta Tabela as percentagens mais baixas para os homens são encontradas na Classe Média Alta. Portanto, este grupo pode ser deixado de lado como sendo o grupo onde o processo se originou. Nos outros três grupos os homens apresentam freqüências semelhantes, e nos dois grupos mais baixos as mulheres estão muito próximas dos homens em suas freqüências. Esta situação sugere uma das duas possibilidades:

- A) A mudança se originou nos grupos centrais, de onde se propagou para os grupos mais baixos. As mulheres da classe média baixa, por sua vez, apresentam hipercorreção, sendo este o motivo do grande distanciamento de freqüências entre homens e mulheres neste grupo social.
- B) A mudança se originou no grupo mais baixo, com os homens na liderança. As mulheres, por sua vez, adotaram a mudança, começando nos grupos mais baixos, sem atingir nas classe médias as mesmas proporções que os homens.

Tanto em (A) quanto em (B) os falantes da classe média alta, homens e mulheres, são os últimos a serem atingidos pela mudança. Se considerarmos somente a Tabela 5, não há como se decidir entre A e B. Mas se considerarmos a Tabela 4, somente B é viável. A Tabela 4 mostra que o aspecto mais novo do cancelamento de (r), em posição interna, atingiu igualmente os falantes do sexo masculino, excetuando-se os da classe média alta. Contudo, somente as mulheres da classe baixa apresentam freqüências de cancelamento de (r) semelhantes às dos homens. Ou seja, a Tabela 4 corrobora o que já foi dito antes, i.e., o cancelamento de (r) é um caso de mudança com origens nos grupos mais baixos da escala social. A questão agora é a seguinte: como é que estes fatos se coadunam com as propostas recentes sobre os correlatos sociais da mudança em progresso? Examinarei esta questão na seção seguinte.

### 3. O PAPEL DAS VARIÁVEIS SEXO E CLASSE SOCIAL NA MUDANÇA EM PROGRESSO

Pelo que foi visto nas seções anteriores, o cancelamento de (r) é, em Belo Horizonte, um caso de mudança em progresso que contraria duas expectativas: as mulheres não lideram esta mudança, e nem encontramos o padrão curvilíneo na distribuição social.

Consideremos, em primeiro lugar, a questão do papel das mulheres na mudança lingüística em progresso. Como já vimos antes, as mulheres lideram a grande maioria das mudanças em progresso encontradas na literatura. Labov (1980: 261-2) caracteriza os falantes mais avançados numa mudança sonora da seguinte maneira:

... the persons with the largest number of local contacts within the neighborhood, yet who have at the same time the highest

proportion of their acquaintances outside the neighborhood. Thus we have a portrait of individuals with the highest local prestige who are responsive to a somewhat broader form of prestige at the next larger level of social communication.

Na sociedade brasileira são os homens, e não as mulheres, que desfrutam de uma mobilidade maior, tanto dentro quanto fora de sua vizinhança imediata. Assim sendo, o fato de os homens, e não as mulheres, estarem liderando no cancelamento de (r) pode ser encarado como uma conseqüência de sua maior mobilidade. Mas, se isto é assim, pode-se dizer que o papel das mulheres nas mudanças lingüísticas depende de seu papel na sociedade. É bem verdade que as mulheres são mais atentas ao prestígio do que os homens. Mas isto se aplica a todos os tipos de prestígio, e não somente ao prestígio lingüístico. Assim, caso uma mudança produza formas não prestigiosas, como é o caso com o cancelamento de (r), e na hipótese da caracterização feita por Labov dos falantes mais avançados estar correta, então não há nada de místico a respeito do papel das mulheres, per se, na mudança lingüística. Tudo dependerá de seu papel na sociedade. E em nossa sociedade as tendências ainda não são estabelecidas pelas mulheres.

Consideremos agora a questão da estratificação social. O caso do cancelamento do (r) fornece alguns fatos interessantes que podem ser confrontados com as teorias existentes sobre a estratificação social da linguagem. Segundo Labov (1972: 295), as mudanças fonológicas comuns («change from below») não se originam na camada mais alta da sociedade. Ele sugere também que as mudanças que são eventualmente introduzidas pelos grupos mais altos são inovações «mais ou menos conscientes», emprestadas de outros dialetos:

Innovation by the highest-status group is normally a form of borrowing from outside sources, more or less conscious; with some exceptions these will be prestige forms (290).

Assim, as inovações de prestígio teriam seu pico nos grupos mais altos da sociedade, enquanto que as mudanças comuns, que são as que nos interessam aqui, terão seu pico noutra ponta da escala social.

O que se deve notar aqui é que as explicações de Labov se apóiam, basicamente, na noção de **prestígio**, i.e., independentemente do ponto na sociedade onde uma mudança se origina, ela será assimi-

lada por falantes que consideram o grupo que incorpora a mudança como seu modelo social. Kroch (1978) propõe uma explicação alternativa para as mudanças fonológicas comuns, baseada na noção de **ideologia**. Na abordagem de Kroch, as mudanças fonológicas comuns, que são processos foneticamente motivados, surgem no sistema como um todo. A estratificação social irá surgir porque o grupo de elite

... characteristically resists normal processes of phonetic conditioning (both articulatory and perceptual) that the speech of non-elite strata regularly undergo (18).

Segundo Kroch, os falantes dos grupos de elite procuram, então, se diferenciar dos falantes de outros grupos. Contudo, há um fato que é um problema para ambas as teorias. Kroch escreve

His (Labov's) theory still gives one no reason to expect the speech of the common people to be more open to phonetic conditioning than that of the elite. In fact, his pluralistic conception of prestige leads one to expect change to originate equally at all social levels and social dialect variation to be, therefore, linguistically random (23).

Mas o fato é que as mudanças lingüísticas comuns não se originam em qualquer ponto da sociedade. Assim, Labov escreve

... whenever age distributions and earlier reports indicate that there may be sound change in progress the highest social class lags behind. Furthermore, it also appeared that the lowest social group was less advanced, a finding not anticipated in Kroch's argument. In each case of sound change in progress located, the variables display a curvilinear pattern of social distribution, where the innovating groups are located centrally in that hierarchy: the upper working class or lower middle class (1980: 254).

O problema é o seguinte: nem todas as possibilidades permitidas por cada uma das duas teorias são corroboradas pelos estudos socio-lingüísticos. O caso do cancelamento do (r) não se encaixa em nenhuma das duas teorias. O cancelamento do (r) interno, por exemplo, dificilmente seria um processo contra o qual os grupos de elite reagiriam,

uma vez que este é um processo do qual a maioria das pessoas não está consciente. Por outro lado, não encontramos o padrão curvilíneo em nenhum dos dois aspectos do cancelamento do (r). A questão é a seguinte: são realmente necessárias as noções de prestígio e/ou ideologia para se explicar a estratificação social do cancelamento do (r)? Penso que não, e proponho o seguinte: a estratificação social é um resultado direto da maneira pela qual a sociedade se organiza. Uma vez que sociedades diferentes se estruturam de modos diferentes, é de se esperar que diferentes padrões de estratificação social da linguagem sejam encontrados. As novas mudanças serão levadas adiante, nos centros urbanos, por aqueles grupos cujas características sociais determinam as características sociais gerais da comunidade. O padrão curvilíneo foi encontrado em centros industrializados no hemisfério norte, como Nova Iorque (Labov, 1966), Norwich (Trudgill, 1974) e Filadélfia (Labov, 1980). Foi encontrado também na cidade do Panamá (Cedergren, 1973). O impacto das classes trabalhadoras, por exemplo, não é o mesmo em países industrializados e não industrializados. Nos Estados Unidos e Grã-Bretanha a maior parte da população não se localiza nem nos grupos mais altos nem nos mais baixos da sociedade. Estes países têm uma classe trabalhadora e uma classe média bastante populosas, com suas subdivisões internas. Nos países não industrializados, ou naqueles onde o processo de industrialização é recente, estes grupos intermediários não constituem o grosso da população. Desconheço a situação do Panamá, mas o Brasil foi, até a Segunda Guerra Mundial, um país essencialmente agrícola, com uma economia baseada no café. Evidentemente havia uma classe trabalhadora. Mas esta era pequena e não influente. Com a migração em massa das áreas rurais para os centros urbanos a classe baixa cresceu numericamente, enquanto que a classe trabalhadora está surgindo como classe de peso com a industrialização do país. O fato é que nos centros urbanos brasileiros o espectro social pode ser representado por uma pirâmide, com o grupo mais alto situado em seu vértice. Assim, o padrão da estratificação social do cancelamento do (r) não é nada mais que um reflexo direto da estruturação da sociedade na cidade de Belo Horizonte.

Evidentemente serão necessárias pesquisas adicionais em contexto sociais semelhantes ao de Belo Horizonte, dentro e fora do Brasil, para que possamos refinar e entender melhor os aspectos sociais da mudança lingüística. O caso apresentado aqui não irá, é claro,

jogar por terra as hipóteses interessantes que já foram levantadas até agora. E nem é essa a intenção do artigo. Antes, ele pretende sugerir um reexame do assunto.

## NOTAS

1. Um caso semelhante, onde os homens lideram uma mudança, é registrado por Modaresi (1976: 130-1) no persa moderno, para o cancelamento de oclusivas em clusters consonantais em posição final de palavra.

## BIBLIOGRAFIA

- ANSHEN, F. **Speech variation among Negroes in a small Southern community.** (Dissertação doutoral inédita) New York University, 1969.
- CEDERGREN, H. **The interplay of social and linguistic factors in Panama.** (Dissertação doutoral inédita) Cornell University, 1973.
- FISCHER, J. L. «Social influences on the choice of a linguistic variant», In: ———. **Word** 14: 47-56, 1958.
- GAUCHAT, L. 'L'Unité phonétique dans le patois d'une commune'. In: ———. **Aus Romanischen Sprachen und Literaturen: Festschrift Heinrich Mort.** Halle: Max Niemeyer, 1905. pp. 175-232.
- KROCH, A. S. 'Towards a theory of social dialect variation', In: ———. **Language in Society**, 1978. 7:17-36.
- LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**, Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. 'The social origins of sound change', In: Labov, W. (ed.) **Locating Language in Time and Space**, New York, Academic Press, 1980.
- LEVINE, L. & H. J. Crockett, Jr., 'Speech variation in a piedmont community postvocalic', In: Liberson, S. (ed.). **Explorations in Sociolinguistics**, edição especial do Sociological Inquiry 36 (2), 1966.
- MODARESSI, Y. **A Sociolinguistic analysis of Modern Persian**, (Dissertação doutoral inédita), University of Kansas, 1978.
- OLIVEIRA, M. A. 'Reanálise de um problema de variação', In: ———. **Português: Estudos Lingüísticos**, Série Estudos, Uberaba, MG, 1981. vol. 7, F.I.S.T.A., pp. 23-51.
- SHUY, R., W. Wolfram & W. K. Riley. **A study of social dialects in Detroit**, Final Report, Project 6-1347. Washington, D.C.: Office of Education, 1967.
- TRUDGILL, P. **The social differentiation of English in Norwich**, (Dissertação doutoral), Edinburgh University, 1971.
- VOTRE, S. J. 'Aspectos da variação fonológica no Rio de Janeiro', In: ———. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, RS, 1979. n° 37, pp. 36-52.